

Terapia ocupacional social junto a jovens pobres rurais: ações na escola pública

 Magno Nunes Farias¹,  Livia Celegati Pan²,  Roseli Esquerdo Lopes³

¹ Universidade de Brasília - UnB. Faculdade de Ceilândia. Campus Universitário - Centro Metropolitano, Ceilândia Sul. Brasília - DF. Brasil. ^{2,3} Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Autor para correspondência/Author for correspondence: magno.farias@unb.br

RESUMO. O objetivo deste estudo é colocar em tela a experiência da atuação da terapia ocupacional social junto a jovens pobres rurais, em uma escola pública do interior do Brasil. A intervenção foi realizada durante o ano de 2019, por meio de *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos*, tendo com eixo orientador os referenciais da terapia ocupacional social e de Paulo Freire. As *Oficinas* se configuraram como espaços e momentos de convivência, reflexão e experimentação que se intencionava fomentar como interessantes e seguros para uma dialogia em torno de questões individuais e coletivas. As práticas estiveram direcionadas para problematização das questões colocadas pelos sujeitos, tendo como referência desafios e potencialidades relativas às suas vivências, na busca pela promoção de reflexão-ação, conscientização e caminhos para se superar situações-limites evidenciadas. Esse processo e seus resultados permitem que se identifique e reafirme a contribuição da terapia ocupacional social para garantir espaços em que os/as jovens são interlocutores/as e protagonistas, sobretudo na escola, elaborando com esses sujeitos formas para o alargamento de suas vivências da condição juvenil no campo dos projetos para a vida, da circulação cotidiana, do lidar com os conflitos, do exercício da cidadania, da negociação cultural etc.

Palavras-chave: juventude rural, educação, terapia ocupacional, participação social.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 8	e14582	10.20873/uft.rbec.e14582	2023	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	------	--------	--------------------------	------	-----------------



Social occupational therapy with poor rural youth: actions in public school

ABSTRACT. The aim of this study is to put on screen the experience of the performance of social occupational therapy with poor rural young people, in a public school in a city in the interior of Brazil. The intervention was carried out during 2019, through *Workshops of Activities, Dynamics and Projects*, having with guiding axis the references of social occupational therapy and Paulo Freire. The *Workshops* were configured as spaces and moments of coexistence, reflection and experimentation that was intended to foster interesting and safe for a dialogue around individual and collective issues. The praxis were directed to problematization of these questions posed by the subjects, having as reference challenges and potentialities related to their experiences, in the search for the promotion of reflection-action, awareness and ways to overcome situations-limits evidenced. This process and its results allow us to identify and reaffirm the contribution of social occupational therapy to ensure spaces in which young are interlocutors and protagonists, especially in school, elaborating with these subjects ways to expand their experiences of the youth condition in the field of projects for life, of everyday circulation, dealing with conflicts, exercising citizenship, cultural negotiation, etc.

Keywords: rural youth, education, occupational therapy, social participation.

Terapia ocupacional social con jóvenes rurales pobres: acciones en la escuela pública

RESUMEN. El objetivo de este estudio es poner en pantalla la experiencia de la realización de la terapia ocupacional social con jóvenes rurales pobres, en una escuela pública de una ciudad del interior de Brasil. La intervención se realizó durante 2019, a través de *Talleres de Actividades, Dinámicas y Proyectos*, teniendo como eje rector a los referentes de la terapia ocupacional social y Paulo Freire. Los *Talleres* se configuraron como espacios y momentos de convivencia, reflexión y experimentación que pretendían fomentar un diálogo seguro en torno a temas individuales y colectivos. La praxis se dirigió a la problematización de las preguntas planteadas por los sujetos, teniendo como referencia desafíos y potencialidades relacionadas con sus experiencias, en la búsqueda de la promoción de la reflexión-acción, la conciencia y las formas de superar las situaciones-límites evidenciadas. Este proceso y sus resultados nos permiten identificar y reafirmar el aporte de la terapia ocupacional social para asegurar espacios en los que los/as jóvenes sean interlocutores/as y protagonistas, especialmente en la escuela, elaborando con estos sujetos formas de ampliar sus experiencias de la condición juvenil en el campo de los proyectos para la vida, de circulación cotidiana, de manejo de conflictos, de ejercer la ciudadanía, de negociación cultural, etc.

Palabras clave: juventud rural, educación, terapia ocupacional, participación social.

Introdução

Para muitos/as jovens, viver no território rural ainda pressupõe enfrentar diversas barreiras referentes à sua inserção social e ao exercício de sua autonomia (Castro, 2016); não obstante, a condição juvenil rural permanece uma temática pouco estudada e invisibilizada em uma sociedade “urbanocêntrica” (Weisheimer, 2015; Sposito & Tarábola, 2017).

Assim, são necessários estudos que busquem compreender esses/essas jovens, suas vidas cotidianas, suas relações com o trabalho, com a comunidade, com a escola etc. (Farias, 2021), inclusive no campo da terapia ocupacional, em que, igualmente e mesmo relativamente, são incipientes estudos voltados especificamente para as juventudes rurais (Farias & Lopes, 2018; Borba et al., 2020).

Nesse sentido, relatar intervenções terapêutico-ocupacionais desenvolvidas com esse recorte é o nosso objetivo com este texto, pontuando-se alguns fenômenos que cercam as juventudes, sobretudo pobres, que se constroem materialmente e subjetivamente do/no território rural, bem como possibilidades da ação profissional nesse contexto, a partir da terapia ocupacional social e do que vem desenvolvendo em sua interface de trabalho com/na escola pública.

Terapia ocupacional social na escola e jovens pobres rurais

A terapia ocupacional social atua no desenvolvimento de ações que buscam a emancipação, a autonomia e a ampliação da inserção social de sujeitos que vivenciam cotidianos marcados por conflitos socioeconômicos, dificuldades de negociação cultural e limitações de acesso aos bens sociais (Barros, Ghirardi & Lopes, 2002; Malfitano, 2016; Lopes, 2016).

Em interface com a educação, uma das possibilidades dessa atuação passa pela mediação da relação entre as juventudes¹, o espaço escolar e seus agentes e as demais dinâmicas da vida cotidiana. Ao posicionar as juventudes no centro das preocupações, carrega-se para esse âmbito a escola pública e a sua importância como *locus* que pode proporcionar aos/as jovens pobres distintos repertórios, pois trata-se de um equipamento social fundamental na composição de uma rede social de suporte (Castel, 1998), para que possam acessar e reunir ferramentas para melhores condições de vida e para se lidar com

vulnerabilidades que interferem na condição juvenil (Arroyo, 2011; Pereira & Lopes, 2016; Pan & Lopes, 2022).

A escola permanece atravessada por diversos desafios, sobretudo no ensino médio, marcado por embates em torno do objetivo e de suas condições concretas para contribuir para a projeção da vida (Lopes et al., 2011; Pereira & Lopes, 2016). Apesar desse nível de ensino ter passado por um processo recente de expansão do seu acesso à população pobre, no Brasil, continua deixando de fora um grande contingente de jovens, persistindo o desafio de se consolidar um sistema escolar público e de qualidade que propicie as mesmas oportunidades a todas as crianças e jovens no mundo (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization [UNESCO], 2018), que consiga levar a aprendizagem efetiva e a formação crítica indispensáveis para a participação na vida social (Bittar & Bittar, 2012).

Nesse contexto, a intervenção da terapia ocupacional social almeja contribuir para efetivar a plena democratização da educação básica e suas escolas, formulando estratégias para que os/as jovens tenham nesse espaço oportunidades de vivências para produção de autonomia e formulação de projetos próprios, considerando esses sujeitos em suas dimensões individuais e coletivas, favorecendo e fortalecendo vínculos positivos, garantindo mais oportunidades que coloquem as juventudes como interlocutoras/protagonistas (Pan & Lopes, 2022; Dayrell, 2012). Pretende-se assim, colaborar para que o ambiente escolar forme os/as jovens para serem eles mesmos (estimulando suas capacidades e qualidades pessoais) e, ao mesmo tempo, para uma participação e convivência social em que possam enfrentar dificuldades postas por uma estrutura extremamente desigual mais preparados, sendo agentes capazes de produzir e de usufruir de bens sociais e culturais (Manacorda, 2007).

Todavia, há aspectos específicos aos/às jovens rurais, tomando-se o caso brasileiro, que, apesar da fronteira cada vez mais estreita com o urbano, ainda enfrentam importantes dificuldades de acesso aos bens e serviços, nos setores da educação, do transporte, da saúde, dos equipamentos de lazer etc., com impactos diretos em suas vidas, no seu direito à circulação cotidiana pelos territórios, portanto, na sua inserção social (Castro, 2016; Farias, 2021; Farias, Faleiro & Lopes, 2019). Essa dinâmica coloca o marcador territorialidade/regionalidade como um aspecto importante para compreender a vivência da condição juvenil rural, tendo em vista o reconhecimento do território como espaço onde a vida cotidiana acontece, “é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da

residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi” (Santos, 2000, p. 97).

Estudos vêm tentando compreender os/as jovens rurais a partir do que se denomina como *circulação* (Castro, 2016; Farias, 2021) e *circulação cotidiana* (Farias & Lopes, 2021), que envolveria o ato de ir e vir, transitar pelos territórios, *campo e cidade*, e que marca os modos de vida desses/as jovens.

Nesse dinâmica da circulação, dentro dos contextos rurais de vulnerabilidade social, há uma expulsão, ou melhor, uma *circulação compulsória*, pela falta de estruturas que oportunizem aos/as jovens vivenciarem sua condição juvenil *no rural*, limitando o rol de possibilidades de desenvolvimento desses/as jovens. Isso é evidenciado, por exemplo, no Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural (Brasil, 2016), que coloca a problemática do esvaziamento do campo, devido à busca por qualidade de vida no espaço urbano, reivindicando políticas sociais que viabilizem condições para essa permanência.

Não se trata de estratégias para fixar o sujeito no campo, mas sim para que se fomente possibilidades às juventudes que nele vivem, ampliando a *circulação emancipatória*, vinculada ao desejo, à autonomia, à vontade e à participação social, em contraposição a *circulação compulsória*, vinculada à expulsão estrutural (Farias & Lopes, 2021).

Tomando os pressupostos de Freire (2013, 1987), que coloca a emancipação como o ir além das condições impostas pelos condicionamentos sociais, para nós, o terapeuta ocupacional social objetiva um trabalho voltado ao território rural que viabilize ao/a jovem ali viver com acolhimento e autonomia, com experiências socioculturais no *continuum* campo-cidade, se colocando como articulador social (Galheigo, 2016; Lopes, 2016), a partir da práxis em torno da democratização da educação formal, e dos demais bens sociais, para contribuir para a *circulação emancipatória*. Tem-se como intenção terapêutico-ocupacional a redução das desigualdades, da opressão, articulando a distribuição de poder e recursos, no respeito à diversidade, com produção de cidadania e garantia do acesso aos direitos, objetivando a justiça social.

Metodologia de trabalho: Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos

As experiências aqui descritas integraram o projeto de extensão universitária Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos: Terapia Ocupacional Social e Jovens Rurais na Escola,

promovidas por parte da equipe do METUIA/UFSCar² junto a jovens do ensino médio de uma escola rural localizada no município de São Carlos/SP/Brasil, durante o ano de 2019.

São Carlos é um município de médio porte localizado no interior do estado de São Paulo. A escola em questão fica em um distrito rural desse município e, em 2019, contava com 96 alunos matriculados no ensino médio, sendo a maioria deles moradores do território rural (chácaras, fazendas, sítios e assentamentos) da região.

As intervenções foram realizadas a partir de metodologias participativas, baseadas em uma escuta sensível dos sujeitos envolvidos (Galheigo, 2016), tendo como pressupostos teóricos-metodológicos aqueles que vêm sendo desenvolvidos pela terapia ocupacional social no Brasil (Barros, Ghirardi & Lopes, 2002) e aqueles tomados das propostas freireanas, tendo como fundamento processos dialógicos, de problematização, criticidade e conscientização (Freire, 1987; Farias & Lopes, 2020).

Foram realizadas Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos (Lopes et al., 2014), ou Oficinas do METUIA, como conhecidas pelos/as jovens, constituindo-se como espaços de construção e realização de vínculos, de projetos coletivos e individuais, de atividades grupais, de dinâmicas que fomentassem reflexões e debates, de trocas de informação, de processos educativos acerca de direitos e deveres, de socialização e experimentação de novas vivências. Buscou-se desenvolver uma proposta de ação profissional sempre atenta às demandas dos/das jovens e dos demais sujeitos da comunidade escolar, com o intuito de contribuir para o equacionamento de dificuldades.

Assim, no início do ano letivo escolar de 2019 foi elaborado, em conjunto com a coordenação pedagógica da escola, um cronograma de intervenções semanais a serem realizadas com as turmas do ensino médio. Foram 28 Oficinas, que ocorreram de forma intercalada nas turmas e horários de aula.

No primeiro semestre, as oficinas foram elaboradas para se conhecer as demandas e necessidades dos/as jovens mais a fundo, direcionadas para compreender como eles/elas constituem suas identidades, cotidianos e projetos; e, no segundo semestre, foram trabalhadas demandas identificadas anteriormente, como os temas desigualdade social, cidadania e direitos e diferenças e preconceitos.

Experiências com jovens pobres rurais: as ações na escola

a) Primeiro semestre

Esse período foi direcionado pelos seguintes questionamentos em relação aos/às jovens: *O que gostam e não gostam? Quais são os fatores mais importantes nas suas vidas? Qual é o lugar da escola, da família e outras instituições e sujeitos nas suas vidas? Onde vivem? Como é morar e estudar no território rural?* Para acessar suas respostas/reflexões foram elaboradas atividades que propiciaram diálogos e aproximação com suas histórias individuais e coletivas.

Como colocam Lopes et al. (2011, p. 282) as *Oficinas* são instrumentos importantes para se conhecer “o universo imediato dos sujeitos e ser conhecido dentro dele, aumentando, de maneira significativa, a possibilidade de criação de vínculos e, a partir disso, gerar oportunidades para uma atuação profissional que contribua para a construção conjunta de planos e projetos de vida”.

Alguns recursos utilizados nas *Oficinas*, para fomentar e, igualmente, fomentados pelo diálogo nos encontros, foram, por exemplo: desenho corporal³; confecção de cartazes com reivindicações sobre/para o cotidiano; construção de paródias e tirinhas sobre a vida de todo dia; construção de uma árvore dos desejos para o futuro na escola.

Figura 1 - Oficinas “Confecção de cartazes com reivindicações sobre/para o cotidiano” e “Desenhos



Fonte: Arquivos dos autores.

As atividades (Figura 1) foram essenciais para compreender o que esses/as jovens fazem nos seus cotidianos, quais eram suas dificuldades, desde barreiras de acesso a serviços de saúde, educação e lazer no território rural, até dificuldades de locomoção e circulação livre e autônoma. Apareceram temas diversos como o fato de ter que se acordar muito cedo para chegar à escola, dado o percurso e o horário do transporte escolar, a ausência de transporte público, os sentidos do viver no território rural, os desafios nas dinâmicas das relações familiares, questões sobre as interações com outros/as jovens e integrantes da comunidade escolar etc.

Frente a essas demandas, as intervenções terapêutico-ocupacionais estiveram direcionadas para a problematização das questões colocadas, na busca pela promoção de reflexão-ação, conscientização – no sentido freireano (Farias & Lopes, 2020; Freire, 1987) – e caminhos para se superar situações-limites evidenciadas, à exemplo: *Como se reivindicar melhores políticas públicas? Por que o cotidiano que se vive é este? Viver e estar no território rural é diferente de viver e estar na cidade? Como negociar melhores relações com colegas de sala ou com outros sujeitos da comunidade escolar? Circular, ir e vir é importante? Por onde e como se circula? Todos podem ir e vir igualmente? Quais espaços são vistos como de lazer e diversão? Por que se percebe que as meninas ficam mais em casa nos seus cotidianos?*

Esses momentos foram importantes, principalmente para a equipe do projeto, para se compreender as dimensões que envolvem o viver no território rural. Ao mesmo tempo em que os/as jovens traziam as coisas boas que perpassam essa vivência, como a tranquilidade, as belezas do lugar, o estar perto da família, em contato com a natureza, possibilidade de lazer, como andar a cavalo, tomar banho no rio, ver filmes, traziam também como se sentiam isolados e com dificuldade para acessar outros bens sociais, tais como serviços de saúde, trabalho, praças e espaços públicos para encontros, lugares para comer e lugares para dançar. Isso revelou um discurso sobre o contraditório desejo de ao mesmo tempo permanecer e migrar daquele espaço, elementos que foram trabalhados durante todo o processo.

Estudos junto a jovens rurais já apontaram para essa relação com o território, entre potencialidades e desafios para o viver nas comunidades, e que, por vezes, os desafios acabam por impossibilitar a permanência em seus lugares de origem, dada a dificuldade de uma circulação com autonomia pelos territórios. Wanderley (2001) destaca que a população rural em geral é a principal vítima do isolamento, diante da pobreza e da submissão e negligência

política. Nesse sentido, Silvestro et al. (2001) pontuam que o isolamento frequentemente associado à vida no meio rural é um fator importante na dinâmica de vida das pessoas que ali moram, afirmando a relação estreita dessa condição com a pobreza – pela ausência de recursos para mobilidade, que é realidade, sobretudo, para jovens rurais da classe trabalhadora.

Como exemplo ilustrativo, pode-se citar o desenho corporal de uma jovem que escreveu: “Onde eu moro no 29⁴: Gosto muito da paz do lugar, da tranquilidade, das árvores, do ar mais puro. Mas também não gosto da falta de transporte, mas o lugar é bem bacana de viver e visitar”. Este foi um importante ponto a partir do qual se pôde debater sobre como é viver nesses territórios, seus pontos bons e ruins, os motivos disso e as formas de se incrementar outras possibilidades de vivências juvenis.

Outro momento importante foi a confecção de cartazes com reivindicações sobre e para o cotidiano, com recados dos/das jovens sobre coisas que compreendem como necessidades para melhorar suas condições de vida e seus cotidianos: transporte público, ambulância na Unidade Básica de Saúde do distrito, acesso a farmácias, melhora do sinal de internet, direitos iguais aos dos adultos, ser mais escutado enquanto jovem etc. Esta atividade, que teve como disparador um material audiovisual sobre as ocupações das escolas do estado de São Paulo, ocorridas em 2015, levou a uma visualização reflexiva dos cartazes e de maneiras da expressão escrita como estratégias para manifestações populares na luta por determinados interesses coletivos. Foi possível refletir sobre o que são reivindicações, seus caminhos e o lugar dos/das jovens nesses modos de participação, gerando questionamentos e debates entre aqueles estudantes: *Nós como jovens podemos ter esse tipo de participação aqui em nossa realidade? Por que as pessoas sempre acham que os/as jovens são muitos novos para ter opinião?*

Ademais, todas as atividades permitiram reflexões sobre os estigmas que perpassam os/as jovens que vivem no território rural; foi trazido para o centro do debate os processos de subalternização que sofrem, via preconceito linguístico, bem como a vivência de situações que subestimam suas capacidades, corroborando para o não se sentirem pertencentes a certos espaços. Pontuando-se, também, as marcas materiais e imateriais que anunciam processos de marginalização. Tomando-se esses elementos, foi-se elaborando coletivamente a desconstrução desses discursos, com aportes para uma construção no sentido de compreender que: o espaço rural é essencial para toda a sociedade; todo cidadão, independente do lugar em

que morar, deve ter os mesmos direitos; ter sotaque não é falar errado; uma determinada forma de se vestir é um estilo da pessoa, não diz se ela é mais ou menos inteligente.

Ao longo do período, perpassando todas as atividades, foram trabalhados com os/as jovens suas projeções para a vida, o que culminou, ao final desse primeiro semestre, na construção do que se nomeou como “Árvore dos Desejos” (Figura 2).

Figura 2 - Oficina “Árvore dos Sonhos” realizada pelos/as jovens na Escola Rural.



Fonte: Arquivos dos autores.

Dayrell (2012) indica duas questões essenciais para a construção dos projetos de vida por jovens: *sua identidade*, que diz respeito à consciência de si em relação ao *outro*, o autoconhecimento sobre si, seus gostos, as coisas que lhe dão prazer, sendo que isso tornará

maior sua capacidade de projetar; e o *conhecimento da realidade*, que se refere à compreensão da estrutura social que o rodeia, tendo consciência das limitações e potencialidades, o que possibilita uma maior elaboração para a implementação dos projetos e diz sobre o *campo de possibilidades* (Velho, 2003) concreto para os projetos se efetivarem.

Assim, a construção da “Árvore dos Desejos” foi um momento para o debate acerca de identidade e conhecimento da realidade, em que se pôde conhecer “quereres/desejos”, segundo aquilo que consideravam como “campo de possibilidades” para si. Foram conversas conjuntas em torno das razões daqueles projetos e quais eram as possíveis maneiras de conseguir realizá-los, bem como suas barreiras (financeiras, territoriais, estruturais, de mobilidade e afetivas).

b) Segundo Semestre

No segundo semestre, dado os debates empreendidos no primeiro, foram identificadas como demandas as seguintes temáticas a serem trabalhadas com os/as jovens: *desigualdade social, cidadania e direitos e diferenças e preconceitos*.

Percebeu-se a dificuldade dos/das jovens em conhecer a dimensão do exercício da cidadania e de seus direitos correlatos. Como exemplo, pode-se citar uma atividade desenvolvida no primeiro semestre em que um jovem reivindicou “Unimed⁵ para todos”, em diálogo sobre isso ele sinalizou certo desconhecimento e preconceito sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), na ratificação de certo senso comum de que esse sistema seria para os pobres e, também, ineficiente, bem como outras políticas públicas sociais do país. Além disso, identificou-se algumas reproduções de preconceitos com o tom de “zoeira” na sala de aula, algo indicado também pela equipe pedagógica da escola como interessante de ser abordado nas nossas *Oficinas*, que perpassavam sexismo, racismo, homofobia, não obstante, *pari passu*, temas como feminismo e antirracismo eram levantados por jovens mais atentos à luta dos movimentos sociais.

Algumas atividades e dinâmicas utilizadas como disparadoras dos debates foram: o jogo “descobrimo a desigualdade social”; dinâmicas de perguntas sobre cidadania e direitos; dinâmica da caminhada dos privilégios; construção de um *fanzine* sobre preconceitos.

Figura 3 - Oficina “dinâmicas de perguntas sobre cidadania e direitos” realizada com Jovens na Escola Rural.



Fonte: Arquivos dos autores.

Como destaque, pontua-se uma atividade na qual, com o uso dos celulares como fonte de pesquisa, os/as jovens deveriam responder às seguintes perguntas (Figura 3): *O que são direitos e deveres? O que é a Constituição Federal do Brasil de 1988? Por que algumas pessoas têm acesso a direitos e outras não? Quais são os serviços públicos? Quais os preconceitos que geram desigualdade na sociedade? Quais desigualdades existem? O que é racismo, sexismo, homofobia e outras opressões? O que são direitos humanos, civis, políticos e sociais?* A dinâmica foi iniciada em pequenos grupos que, depois da pesquisa empreendida, compartilhavam e debatiam suas respostas com a turma toda. A mediação realizada esteve direcionada para a promoção de uma reflexão coletiva, tendo como foco entender e gerar problematizações de como essas questões perpassavam a vida dos/das jovens. Dentre os temas que sensibilizaram os/as estudantes e fomentaram debates mais fervorosos estavam: a falta de ônibus no território rural; a pobreza, a falta de recurso financeiro para fazer coisas; a falta de lazer e se esse é um direito social ou não; internet como direito de todo cidadão; o exercício da sexualidade ser direito ou não; conforto como um elemento de cidadania.

Durante esses momentos, apareceram narrativas em que os/as jovens apontavam as suas dificuldades financeiras, fazendo análises de como ser “pobre” é difícil e como as pessoas “ricas” possuem mais acesso aos bens sociais - “nós somos pobres, mas o pior é que tem

gente pior que nós”, frases como essas geraram uma discussão importante sobre a produção social da pobreza.

Figura 4 - As capas dos três *fanzines* construídos pelos/as Jovens na Escola Rural.



Fonte: Arquivos dos autores.

Outro momento significativo, na nossa avaliação, foi a construção de *fanzines* (Figura 4) – publicações não profissionais, produzidas de forma livre e sem regularidade, podendo reunir textos, poemas, músicas etc. (Lopes, Borba & Monzeli, 2013) – voltados para o debate dos preconceitos existentes. Essa *Oficina* em especial, em consonância com todo o trabalho na escola, estava pautada em reflexões direcionadas para o respeito à diferença, que, de acordo com Freire (2014, p.25-26, grifos do autor), é “qualidade básica a ser forjada por nós e aprendida pela assunção de sua significação ética – a qualidade de conviver com o diferente. Com o *diferente*, não com o *inferior*”.

As turmas se dividiram em pequenos grupos, cada um trabalhando com uma temática, ao final, as produções foram reunidas compondo um *fanzine* para cada turma do ensino médio. Como direcionamento para as suas confecções, foi solicitado que os/as jovens incluíssem o histórico do preconceito a ser abordado e como poderia ser enfrentado. À exemplo do racismo, foram feitas as seguintes questões: *Historicamente com surgiu a questão da raça como classificação? O que isso impacta na vida de negros e negras hoje? Como é percebido na escola e nos espaços em que esses/as jovens vivem? Existem meios já postos para combater o racismo? Quais são as estratégias de combate cotidianas?* Outros temas abordados, a escolha dos/das estudantes, foram: LGBTfobia, machismo, classismo,

preconceito linguístico, preconceito voltados para pessoas que moram no espaço rural e antissemitismo. Ao final, foram feitas e distribuídas cópias dos *fanzines* para toda a escola.

A elaboração dos *fanzines* ocorreu após a *caminhada dos privilégios*, dinâmica que consiste na leitura, pelo coordenador da atividade, de situações envolvendo vivências de preconceitos e/ou de restrição de direitos; quem já tiver passado por elas deve dar um passo à frente, ao final todos/as observam suas posições e, conseqüentemente, as pessoas que vivenciaram mais preconceitos estarão à frente daqueles/as que pouco sofreram ou que não reconheceram essas situações em suas vivências. Este foi um momento importante, pois alguns/algumas jovens compartilharam experiências individuais de vivências de racismo, machismo, gordofobia e preconceito linguístico. Com isso, também foi possível refletir sobre como a “zoeira” era presente no cotidiano escolar, uma forma de deixar “as coisas mais leves e divertidas”, mas que, ao mesmo tempo, poderia produzir e reproduzir violências contra colegas.

Pontua-se, igualmente, a reflexão sobre qual o “lugar/significado” da escola para aqueles/as jovens, sublinhando-se as relações de pertencimento com o espaço, muito vinculadas ao fato de ser um lugar central de/para circulação, onde se pode brincar, “zoar”, namorar, encontrar amigos e amigas, ou mesmo se alimentar, dada a vulnerabilidade social de muitos ali. Assim, destaca-se a escola *como espaço para o encontro com o outro*, um suporte para a carência de outros espaços para se “estar/encontrar” no território rural, marcado pela falta de oportunidades e locais de lazer e convivência e pela precariedade de transporte público ou de recursos para o deslocamento, como trazido por certos/as jovens, ao referirem quererem que nos seus cotidianos houvesse “mais pessoas para se relacionar”.

Esse lugar da escola, central para a sociabilidade, reflete a “tensão crescente na instituição escolar. Submetidas aos processos de socialização contemporâneos, as novas gerações desenvolvem modos de ser que não correspondem diretamente ao modelo escolar da modernidade – racional, planejada, previsível” (Leão, 2018, p. 13); levando ao questionamento recorrente entre jovens acerca do lugar dessa escola e à reivindicação de que ela possa ocupar outros espaços em sua experiência cotidiana.

Nesse sentido, pôde-se lidar com a importância da escola nas suas trajetórias, seja na produção de possibilidades (como ir para a universidade ou conseguir um emprego melhor; encontrar amigos; a comida da escola), como também na produção e reprodução de algumas violências (preconceitos, estigmatização, disciplinarização).

Foi-se conformando uma escola como “um espaço de produção de ações, de saberes e relações” (Dayrell, 2012, s/p), onde se aposta na capacidade de escolha entre as juventudes. No percurso desta experiência, fomentou-se a construção de caminhos para a superação do isolamento de jovens rurais, onde a escola é tomada como um equipamento social central e que pode fomentar a formação crítica, a construção de projetos para a vida e para a circulação emancipatória, mas, que exige da sociedade fazer valer esse propósito, demandando vontade política para realizá-lo estruturalmente, financeiramente e culturalmente, o que se faz com políticas públicas sociais.

Considerações finais

Há diversas questões que atravessam os/as jovens rurais sob a especificidade do marcador territorialidade/ regionalidade: modos de vida que são caracterizados por estar mais próximo da natureza, da tranquilidade, de maneiras específicas de diversão, mas também pelo isolamento, dada a precariedade da circulação, a carência de espaços de encontros, somadas a problemáticas que envolvem a condição juvenil como um todo, um processo que impõe descobertas e desafios frente aos seus cotidianos e projetos de futuro, principalmente para aqueles/as que, sendo pobres, não podem vivê-la como moratória.

Ademais, identifica-se e reafirma-se a contribuição da terapia ocupacional social, lançando mão das *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos* como estratégia, para garantir espaços em que os/as jovens são interlocutores/as e protagonistas, elaborando com esses sujeitos caminhos para o alargamento de suas vivências da condição juvenil. Destaca-se como importante dimensão deste processo o *Lidar com Conflitos* (Pan, 2019), tanto aqueles que emergem na dinâmica macrossocial, que produz desigualdade, quanto os que emergem das relações microssociais, dentro e fora da comunidade escolar, produzindo subordinação, buscando superar, conforme Freire (1987), *situações limites* com as quais se defrontam os/as jovens rurais pobres de forma mais intensa, para deslumbrar *inéditos viáveis* em suas trajetórias.

Referências

Arroyo, M. (2011). A escola e o movimento social: relativizando a escola. In Nogueira, P. H. Q., & Miranda, S. A. (Orgs.). *Miguel Arroyo: educador em diálogo com nosso tempo* (pp. 183-192). Belo Horizonte: Autêntica.

Barros, D. D., Ghirardi, M. I., & Lopes, R. E. (2002) Terapia ocupacional social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 13(3), 95-103.

Bittar, M., & Bittar, M. (2012). História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. *Acta Scientiarum. Education*, 34(2), 157-168. <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v34i2.17497>

Borba, P. L. O., Pereira, B. P., Souza, J. R. B., & Lopes, R. E. (2020). Occupational therapy research in schools: A mapping review. *Occupational Therapy International*, 1-9. <https://doi.org/10.1155/2020/5891978>

Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

Brasil, Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). (2016). *Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural*. Brasília: MDA.

Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes.

Castro, E. G. (2016). Fronteiras invisíveis: aproximações e distâncias entre ser jovem no campo e nas cidades no Brasil. In Novaes, R., et al. (Orgs). *Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças* (pp. 61-102). Rio de Janeiro: Unirio.

Dayrell, J. (2012). Pedagogia da Juventude [Site Ordem jovem]. Recuperado de http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf

Farias, M. N. (2021). *Jovens rurais de São Carlos - SP: circulação cotidiana, projetos de vida e os sentidos da escola* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.

Farias, M. N., Faleiro, W., & Lopes, R. E. (2019). Juventudes do campo no Brasil: migração, educação e terapia ocupacional social. *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, 19(2), 51–61. <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2019.52375>

Farias, M. N., & Lopes, R. E. (2020). Terapia ocupacional social: formulações à luz de referenciais freireanos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28, 1346-1356. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoEN1970>

Farias, M.N., & Lopes, R.E. (2018, outubro). Juventude rural e escola pública: demandas para a terapia ocupacional social. In *XXVI Jornadas de Jóvenes Investigadores de AUGM* (pp.1-14). Mendoza – Argentina.

Farias, M.N., & Lopes, R. E. (2021). Circulação cotidiana e uma práxis terapêutico-ocupacional social. *Interface (Botucatu)*, 25, e20071. <https://doi.org/10.1590/interface.200717>

Freire, P. (2014). *Pedagogia da tolerância*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2013). *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Galheigo, S. M. (2016). Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In Lopes, R. E., & Malfitano, A. P. S. (Orgs.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 49-68). São Carlos: EdUFSCar.

Leão, G. (2018). O que os jovens podem esperar da reforma do Ensino Médio brasileiro?. *Educ. rev.*, 34, 1-23.

Lopes, R. E. (2016). Cidadania, direitos e Terapia Ocupacional. In Lopes, R. E., & Malfitano, A. P. S. (Orgs.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 297-305). São Carlos: EdUFSCar.

Lopes, R. E., et al. (2011). Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. *Interface (Batucatu)*, 15(36), 277-88. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011000100021>

Lopes, R. E., et al. (2014). Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 22(3), 591-602. <https://doi.org/10.4322/cto.2014.081>

Lopes, R. E., Borba, P. L. O., & Monzeli, G. A. (2013). Expressão livre de jovens por meio do Fanzine: recurso para a terapia ocupacional social. *Saúde Soc.*, 22(3), 937-948. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000300027>

Malfitano, A. P. S. (2016). Contexto social e atuação social: generalizações e especificidades na terapia ocupacional. In Lopes, R. E., & Malfitano, A. P. S. (Orgs.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos* (pp. 117-133). São Carlos: EdUFSCar.

Manacorda, M. A. (2007). *Aos educadores brasileiros/ entrevista concedida a Paolo Nosella*. Campinas – SP: HISTEDBR – FE/ UNICAMP.

Margulis, M., & Urresti, M. (1996). La juventud es más que una palabra. In Margulis, M. (Org.). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud* (pp. 13-30). Buenos Aires: Biblos.

Pan, L. C., & Lopes, R. E. (2022). Ação e formação da terapia ocupacional social com os jovens na escola pública. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e2810. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO21252810>

Pan, L.C. (2019). *Entrelaçando pontos – de fora para dentro, de dentro para fora: ação e formação da terapia ocupacional social na escola pública* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP.

Pereira, B. P., & Lopes, R. E. (2016). Por que ir à Escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. *Educ. Real.*, 41(1), 193-216. <https://doi.org/10.1590/2175-623655950>

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.

Silvestro, M. L., et al. (2001). *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Sposito, M. P., & Tarábola F. S. (2017). Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 22(71), 1-25. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227146>

Velho, G. (2003). *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.

Wanderley, M. N. B. (2001). A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In Giarracca, N. (Org.). *¿Una nueva ruralidad en América Latina?* (pp. 31-44). Argentina: CLACSO.

Weisheimer, N. (2015). Sobre a situação juvenil na agricultura familiar. In Leão, G., & Antunes-Rocha, M. I. (Orgs.). *Juventudes do campo* (pp. 31-53). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). (2018). *New Methodology Shows that 258 Million Children, Adolescents and Youth Are Out of School*. Recuperado de: <http://uis.unesco.org/sites/default/files/documents/new-methodology-shows-258-million-children-adolescents-and-youth-are-out-school.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2021.

1. Dada a diversidade de vivências entre os/as jovens, marcadas por distinções de classe social, gênero, raça/etnia, religião, territórios, entre outras coisas, cabe dizer de juventudes, no plural (Bourdieu, 1983; Margulis & Urresti, 1996).

2. O termo METUIA/UFSCar refere-se tanto ao núcleo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, quanto ao Programa de Extensão METUIA e ao Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional e dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Terapia Ocupacional da UFSCar.

3. Trata-se de um recurso em que se desenha, em um pedaço de papel, um *boneco* a partir do contorno do corpo da pessoa e a proposta é que ela, em seguida, vá preenchendo esse *boneco* com informações sobre si, de acordo com os objetivos colocados. Em nosso caso, adaptamos essa atividade e cada jovem desenhou um *boneco* de si em uma folha A3 (à mão, sem contornar o próprio corpo), e foi colocando elementos sobre sua identidade dentro e fora desse *boneco*.

4. Bairro da zona rural de São Carlos - SP.

5. Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed) é uma operadora privada de planos de saúde.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 27/06/2022
Aprovado em: 26/08/2023
Publicado em: 21/10/2023

Received on June 27th, 2022
Accepted on August 26th, 2023
Published on October, 21th, 2023

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Funding

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Farias, M. N., Pan, L. C., & Lopes, R. E. (2023). Terapia ocupacional social junto a jovens pobres rurais: ações na escola pública. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 8, e14582. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14582>

ABNT

FARIAS, M. N.; PAN, L. C.; LOPS, R. E. Terapia ocupacional social junto a jovens pobres rurais: ações na escola pública. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 8, e14582, 2023. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e14582>.